



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13236 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

CENÁRIOS DE CIDADANIA: A VERSATILIDADE E A COMPLEXIDADE NAS POLÍTICASPRÁTICAS CURRICULARES

Diego Rosa - UFAC - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE

**CENÁRIOS DE CIDADANIA: A VERSATILIDADE E A COMPLEXIDADE NAS
POLÍTICASPRÁTICAS CURRICULARES**

RESUMO

O presente trabalho, fruto de uma pesquisa de mestrado, busca promover reflexões sobre a relação intrínseca entre o direito à educação e o conceito de cidadania nos tempos atuais, por meio das *políticaspráticas* realizadas pelos sujeitos praticantes que habitam os *espaço-tempos* escolares. Através do mergulho no cotidiano da sala de aula, procurou-se entender os processos de tessitura dos currículos pensados e praticados e sua interlocução com a realidade social a partir dos usos distintos das propostas pedagógicas oficiais, realizados pelas docentes. Elegeu-se o cotidiano como unidade de análise, tendo por base as abordagens e ensinamentos de Certeau (2012), Morin (2000;2005), Alves (2015) e Oliveira (2012, 2013). Optou-se pela realização das rodas de conversas com os sujeitos praticantes e pesquisadores, no intuito de promover um diálogo horizontal e franco, longe de verdades absolutas e reducionistas. Observou-se que o conhecimento transborda, vai além das determinações e disposições legais, é repleto de acontecimentos, imprevistos, sensações, reações e emoções boas e ruins, coletivas e singularidades, que, fundamentalmente, trazem ou retiram significado na longa caminhada da existência humana.

Palavras-chave: Cotidiano; Currículo; Cidadania; *Políticaspráticas* curriculares.

1. INTRODUÇÃO

A cidadania é atualmente um vocábulo frequente em livros, movimentos sociais, meios de comunicação, partidos políticos, trabalhos acadêmicos e, até mesmo, em campanhas publicitárias. Por encerrar uma semântica positiva, a menção à cidadania tornou-se lugar-comum, clichê. Logo, é empregada para validar ou justificar os mais variados projetos e opiniões, em decorrência das inúmeras acepções e pressupostos teóricos que integram a sua composição.

Nesse sentido, nas últimas décadas, vem se consolidando a proposta de uma educação voltada para a cidadania como um dos princípios norteadores do processo de aprendizagem. As normas que regulamentam o sistema de ensino brasileiro, reservam um "espaço" para a cidadania e vinculam a expressão cidadania aos valores éticos, à formação crítica, ao respeito à diversidade, ao civilismo e à democracia; sendo tratada como um tema contemporâneo transversal, uma vez que não pertence a uma determinada área do conhecimento, atravessando todas ou, pelo menos, a maioria delas. Além do mais, a "educação cidadã" consiste em um dos objetivos cardiais dos programas das secretarias de educação em todos os níveis federativos.

No entanto, apesar da CF de 1988 elencar a cidadania dentre os princípios fundamentais da República, a sociedade brasileira ainda convive com uma imensa disparidade social, na qual algumas pessoas não possuem as condições mínimas para a fruição dos seus direitos básicos. Destaca-se que a cidadania formal não é condição suficiente para a concretização de uma cidadania substantiva. O mero reconhecimento dos direitos dos cidadãos não pressupõe, de modo automático, o seu exercício pleno, não reduz as disparidades sociais e nem sequer promove a justiça social. (BOBBIO, 2015).

Tendo em mente a centralidade dos traquejos cotidianos, consistente em um emaranhado de forças criativas e incontroláveis, bem como a amplitude semântica da cidadania, que engloba uma multiplicidade de sentidos, de onde emerge uma infinidade de acepções; delimitou-se como problema de pesquisa o seguinte questionamento: Como as práticas docentes cotidianas, o currículo escolar, em sua *concepção* *percepção* mais ampla, dialoga com a ideia de cidadania e se efetiva no dia a dia das salas de aula?

2. DO CAMINHO PERCORRIDO

Elegeu-se o cotidiano como método de pesquisa, tendo por base as abordagens e ensinamentos de Certeau (2012), Morin (2000; 2005) e Alves (2015), autores que assumiram a existência de fatos, preocupações e achados extraordinários a partir de um olhar mais atento sobre o panorama usual e corriqueiro da vida. Por essa via, escapa-se do campo da simples cognição, incluindo todos os sujeitos da escola, seus modos de agir, de pensar, suas redes de

contatos culturais e sociais, assim como suas emoções, sensações, medos e anseios. Indivíduos integrais, que fazem e levam aos seus mundos ressignificações indissociáveis do existir humano.

Com Oliveira (2012, 2013), apostamos na valorização dos acontecimentos do cotidiano escolar, buscando evidenciar a sua indissociabilidade com o mundo ao redor. Assim sendo, o processo de pesquisa foi desenvolvido em uma escola estadual de ensino fundamental da rede pública do estado do Acre, com um grupo de 08 professoras, entendendo que a escola é um lugar de validação de narrativas, mas também de ambiguidades, questionamentos, partilhas e exploração.

A percepção dos currículos *pensadospraticados* contribuem para a percepção de conjunturas e fatos que, muitas vezes, não são ostensivos, e que somente são reconhecidos por meio da sensibilidade e convivência contínua entre os sujeitos. É um instrumento que permite vivenciar e aprender com os mais variados passados para criar futuros que se complementam, sem que o presente seja ignorado. Tal procedimento possibilita, ainda, o direcionamento conjunto, por meio de experiências recíprocas.

Considerando a pandemia de COVID-19, ainda em curso na época do trabalho, bem como a dificuldade na reunião de todas as participantes em um mesmo ambiente e horário, empregou-se o meio virtual para a realização das conversas, especificamente a plataforma de videoconferência Google Meet.

A metodologia da pesquisa com os cotidianos, centrada na fala das professoras, provocou a reflexão sobre a organização do âmbito escolar e até que ponto ela retrata os preceitos de cidadania tão presentes no arcabouço legal educacional. Sem menosprezar o poder da organização espacial e da arquitetura estratégica das instituições de ensino, os relatos orais do corpo docente têm o condão de expor, genuinamente, as balizas visíveis e invisíveis, muitas vezes autoritárias e hostis, que se erguem entre as pessoas que compõem o ecossistema escolar.

Aposta-se na associação, nos intercâmbios, com todos os desconfortos e impasses que podem surgir, tensionando a presumida linearidade do trabalho de pesquisa. A potência do diálogo reside na sua capacidade de transmutar os limites cognitivos e dissipar as convicções científicas acerca do que consiste e como se realiza um estudo investigativo. Por meio da multiplicidade de pensamentos e ideias que existem no espaço escolar, a tarefa de pesquisar e aprender torna-se mais descomplicada, democrática e horizontal, em razão da profusão de emoções, empatia e solidariedade entre os participantes.

3. FALAS, EXPRESSÕES E OLHARES: A CIDADANIA NO COTIDIANO ESCOLAR

No decorrer da pesquisa as professoras demonstram que a cidadania é um conceito complexo, dinâmico, cujo conteúdo se modifica e transforma dependendo dos conhecimentos e vivências de cada indivíduo. A cidadania pode ser qualquer atitude que desperte ou manifeste a consciência e a responsabilidade coletiva (PINSKY, 2012). Deste modo, não se trata de uma concepção puramente abstrata, mas sim concreta, resultante das práticas cotidianas, dos sujeitos que compõem a comunidade, seja na escola, bairro ou município.

Rememorando os pensamentos de Boaventura (SANTOS, 2018), há nas sociedades contemporâneas, especialmente a brasileira, uma carência, uma privação de cidadania pelas classes mais carentes. Tal limitação dificulta muito as possibilidades de exercício dos direitos pelos indivíduos pertencentes a esses segmentos sociais. São negados tanto os direitos civis e políticos, quanto os direitos sociais, encobrindo a existência dos grupos minoritários (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, idosos, portadores de deficiências), e, desse modo, reforçando a segmentação socioeconômica.

Assim sendo, é preciso revelar e difundir a existência do ser humano por detrás do conceito da cidadania. (SANTOS, 2018). É necessário enxergar aqueles que são cidadãos apenas no papel, no discurso, mas que, na verdade, estão desprotegidos, desamparados e ignorados, vivendo completamente à margem das dimensões verticais e horizontais da cidadania. A teoria neoliberal de que a sociedade civil se fortalece apenas quando a relação entre Estado e cidadão diminui é equivocada e falaciosa. Um Estado Democrático robusto possibilita que o corpo social prospere, garantindo aos seus membros a proteção e fruição dos seus direitos de modo integral, ou pelo menos, de grande parte deles.

Por esse motivo que a cidadania experimentada na sala de aula é muito mais rica, intensa e poderosa, pois além de abranger os diferentes autores/autoras do cotidiano, é palpável, concreta; o que facilita a internalização pelos estudantes. O contato e o convívio afloram os sentimentos de empatia, ampliando a percepção do outro como seu semelhante e a indignação com as mazelas sociais. Desta forma, as ações solidárias ultrapassam o viés estritamente assistencialista e pontual, tornando-se cada vez mais assíduas e horizontais no combate às injustiças e na promoção de ações que visem uma equalização social.

A cidadania se identifica com a atuação ativa do indivíduo dentro do grupo, da comunidade em que se encontra inserido. Portanto, a constituição de uma sociedade fraterna exige maior valorização das relações intersubjetivas, horizontais, incentivando a coparticipação na vida política e o reconhecimento da condição humana, frágil e falha dos seus semelhantes, suplantando a cidadania puramente discursiva e passiva. (SILVA NETO, 2016).

O simples ensino didático sobre política, valores democráticos e eleições, em completa dissonância do contexto social é incapaz de encorajar qualquer pessoa à cidadania ativa. Ser cidadão não é simplesmente conhecer ou memorizar informações, mas sim viver e, acima de tudo, conviver. Somente é possível ser considerada(o) cidadã(o) no coletivo.

Sem qualquer pretensão maniqueísta, a discussão sobre a cidadania estudantil no universo da sala de aula é vital, ainda mais quando o outro, com o qual se lida diretamente, na grande maioria dos dias do ano, e que, de maneira geral, é tido como o principal responsável pela formação cidadã, tem sua própria cidadania, obstruída, negada. A aprendizagem social é condição para a luta contra discriminações, preconceitos e outras formas de inferiorização social. O ambiente escolar consiste em um ecossistema heterogêneo, onde o encontro com o novo, com o estranho é inevitável, primordial para o desenvolvimento de um senso, uma racionalidade com enfoque na responsabilidade coletiva.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES, SEM ENCERRAR

A partir das narrativas e das noções prático-teóricas das professoras, verificou-se que a dimensão curricular, sobretudo a dos currículos *pensadospraticados*, vai muito além das normatizações e imposições legais. A cidadania consiste em um conceito polissêmico, nitidamente associado à vida em sociedade e determinado pelas conjunturas e eventos históricos que atravessa. Desta forma, a educação, o currículo e a própria cidadania não são condições prontas e absolutas; perpassando a dimensão pessoal e coletiva do corpo docente.

A potência do processo pedagógico reside nos seus ritmos próprios e graduais, nos ensaios, nas tentativas e erros, na incerteza e, especificamente, nos diálogos triviais, muitas vezes desprezados. Tomando como referência a perspectiva de Certeau (2012), as docentes subvertem as disposições e doutrinas curriculares verticais e, assim, promover uma aprendizagem baseada no conhecimento-emancipação e difundir acepções irrestritas sobre cidadania, solidariedade e ajuda mútua, por meio de ações/atitudes éticas e políticas horizontais.

As expressões de cidadania nos currículos *pensadospraticados* nas diferentes turmas da escola são, de maneira legítima, criações cotidianas, em razão das inúmeras e variadas negociações promovidas pelas professoras e pelos alunos. Possuem potencial desobediente e emancipatório, pois tem o condão de promoverem relações ecológicas, pondo no mesmo patamar saberes antes hierarquizados. Reconhece-se, assim, a pertinência e a necessidade, ainda que transitória e eventual, de todos no desenvolvimento do aprendizado.

A realização de uma equalização de conhecimentos, sem termos predefinidos e rígidos, permite evidenciar que, no cerne dos empreendimentos e ações coletivas estão, sempre, redes de intrincadas e complexas formadas por perspectivas distintas que perpassam a escola. Ao contrário do que pressupõem muitas das normas curriculares (im)postas que reforçam apenas uma realidade, uma única história, sufocando a cidadania e a dignidade daqueles que se encontram longe das suas balizas; as conversas e convenções do cotidiano enfatizam as diferenças, possibilitando o combate de todo e qualquer tipo de preconceito e

xenofobia, atenuando os estigmas e os estereótipos.

Assim sendo, as atitudes e condutas das professoras no ambiente escolar, bem como a abordagem de temas como liberdade sexual, tolerância religiosa, preservação do meio ambiente, conservação do patrimônio público, desigualdade social, relações trabalhistas e, inclusive, higiene, estão promovendo a cidadania. Repensar as bases e especificações identitárias, que limitam a visão, a interpretação apenas para o óbvio, o aparente; inclusive quanto ao conceito e às fronteiras da própria cidadania, é o primeiro passo para se mitigar as diferenças e anular os reducionismos tão abundantes na sociedade brasileira atual.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, N. **Compassos e descompassos do fazer pedagógico**. In: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (Orgs.). Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BOBBIO, N. **O Futuro da Democracia: uma defesa das regras do jogo**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2015.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 2012.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed., São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000

_____. **Ciência com consciência**. Tradução de maria D. Alexandre e maria Alice Sampaio Dória. Ed. revista e modificada. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

OLIVEIRA, I. B. **O Currículo como criação cotidiana**. Petrópolis, RJ: DP et Alli, 2012.

_____. **Utopias praticadas: justiça cognitiva e cidadania horizontal na escola pública**. Revista Instrumento. Juiz de Fora, v. 15, n. 2, jul./dez. 2013, p. 191-201.

PINSKY, J.; PINSKY, C. B. (org). **História da cidadania**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SANTOS, B. de S. **Na oficina do sociólogo artesão: aulas 2011-2016**. 1ª. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

SILVA NETO, J. L. **Horizontalidade e verticalidade da cidadania**. São Paulo: Bauru, Editora Spessotto, 2016.